



MAURÍCIO  
WALDMAN

## Cenários da água dessalinizada

Com a falta d'água deixando as torneiras secas e o fantasma do apagão hídrico rondando os cidadãos, retornam as soluções de última hora. Dentre estas, como que retirada da cartola de um mágico, está a proposta de dessalinizar a água do mar.

Sugestão sedutora e atraente, um aspecto a ser enfatizado é que na massa líquida dos oceanos, os sólidos dissolvidos estão presentes na razão de apenas 3,5% da sua composição.

Disto se conclui que as águas marinhas poderiam ser tidas como uma espécie de "água doce disfarçada". Teriam, pois, forte predisposição em converterem-se à nobre estirpe das águas potáveis.

Magnetizando as atenções de muitos setores de opinião, a atração desta tecnologia no imaginário é patente. Inexistem cenários futuristas dispensando turbinas eólicas, seres clonados, antenas parabólicas, cidades artificialmente climatizadas e, é óbvio, imensas usinas de dessalinização.

Nesta linha de argumentação, a escassez de água deixaria de pertencer à pauta de preocupações da humanidade.

As estatísticas podem, inclusive, incutir certo entusiasmo. Hoje, existem no planeta 12,3 mil plantas de dessalinização, com uma capacidade de produção de 47 milhões de m<sup>3</sup>/dia de água dessalinizada.

Contudo, a popularidade da proposta merece exame mais apurado. Neste senso, seria obrigatório censurar o mau entendimento da terminologia. O termo dessalinização, advertia o saudoso biólogo e engenheiro Samuel Murgel Branco, seria tecnicamente contestável, cabendo substituí-lo por dessalgamento.

Longe de pautar preciosismo de linguagem, Branco advertia que a dessalinização não se destina a remover toda a salinidade. Antes, presta-se a retirar o excesso de sais da água, tornando-a potável.

Confirmando o que dizia o cientista, há o fato concreto de que as águas doces não são destituídas de sólidos dissolvidos. Como Samuel Branco insistia, a água potável possui materiais em dissolução, que dão gosto e saúde aos que usufruem do bom líquido.

Quanto à dessalinização em si mesma – cuja "matéria prima" é o oceano – existem três ordens de problemas.

O primeiro refere-se ao custo econômico. Caro por excelência, o processo está fora do alcance da maioria dos países. Segundo, a dessalinização é devoradora de energia, obtida fundamentalmente da queima de combustíveis fósseis: petróleo e carvão (e dos dois, destacadamente o primeiro). Em

terceiro lugar, teríamos sequelas ambientais.

Note-se que na dessalinização, para cada unidade de água salgada processada, obtém-se 1/3 de água potável. Os demais 2/3 compõem uma salmoura ultra-concentrada. Despejada em temperaturas elevadas na orla marítima, o efluente possui enorme poder destrutivo. Devasta os recifes de coral e transforma o fundo dos oceanos num deserto marinho.

Sem sombra de dúvida, estas notícias apavoram a pesca litorânea (pela redução da população dos cardumes) e o turismo de beira-mar (devido à poluição ambiental e recuo das praias pela perda dos recifes).

Não fosse suficiente, oito produtos químicos são usados no pré-tratamento da água salgada. Seguindo para o mar, este esgoto provoca vasta contaminação, com efeitos ainda não inteiramente conhecidos.

Para arrematar, a dessalinização gera farta emissão de GEE (Gases de Efeito Estufa), agentes por excelência da destruição dos suprimentos naturais de água. Afinal, as mudanças climáticas são o carro-chefe da desertificação e do avanço da aridez em todo o globo.

Em síntese: a dessalinização, a começar pelo custo financeiro, não é de modo algum a panacéia proclamada por algumas vozes.

Assim, faz pleno sentido que as nações do Oriente Médio concentrem plantas de dessalinização. Esta região, que responde por 60% da produção mundial de água dessalinizada, possui 7,5 mil usinas. Correntemente, a Arábia Saudita, concentrando 26% do total global das instalações, constitui o maior usuário de água dessalinizada do mundo. Sete países desta parte do mundo estão entre os dez maiores produtores mundiais de água dessalinizada.

E certamente, a liderança do Oriente Médio não é fruto do acaso. No final das contas, os países da região contam com polpudas receitas em dólar e, ao mesmo tempo, dispõem de fartos reservas de petróleo. Com este respaldo, qualquer país poderia construir sua usina.

Para finalizar, e retornando esta questão para o Brasil, que não seja esquecido um fato básico: nosso país possui o maior acervo de água doce do mundo. Aqui, o fantasma das torneiras secas está assombrando exclusivamente porque a gestão das águas no país é de uma incompetência ímpar.

Não precisamos de usinas de dessalinização. Precisamos, sim, de usinas de moralidade pública, de governança eficaz e de senso de cidadania.

Nossas pobres águas maltratadas agradecem.

EDITORA KOTEV



Texto Indexado à obra  
**ÁGUAS DE ANGOLA: DEBATE ESTRATÉGICO E MULTILATERAL**  
(EDITORA KOTEV, 2016).

SAIBA MAIS:

<http://kotev.com.br/?product=aguas-de-angola-debate-estrategico-e-multilateral>

